

# REPENSANDO O TRÁGICO PELO PULSAR DA VEIA NIETZSCHEANA

Cristiane Agnes Stolet Correia

## RESUMO

O presente trabalho pretende discutir o que vem a ser o trágico, partindo-se de dois elementos da tragédia clássica: o coro e o herói trágico. Ter-se-á como base algumas reflexões instauradas por Nietzsche, presentes em alguns fragmentos publicados postumamente e desenvolvidas principalmente em *O nascimento da tragédia*. Entendendo a tragédia como a tensão entre Apolo e Dioniso, buscar-se-á pensar o que é e como se dá o apolíneo e o dionisíaco na tragédia clássica, tendo como referência dois elementos imprescindíveis desta: o coro e o herói.

Em um dos fragmentos escritos de Nietzsche publicados postumamente, podemos encontrar a seguinte afirmação:

O homem trágico como o homem nomeado para ser **professor** dos homens.  
A formação e a educação não devem tomar como norma o talento mediano para o éthos  
e o intelecto, mas justamente essas naturezas trágicas. (NIETZSCHE, 2005, p. 8.)

Em primeiro lugar, cabe notar que a palavra “professor” vem destacada, o que nos faz questionar o sentido corriqueiro do vocábulo. Seria professor aquele que ensina? Digamos que sim. Então, o que caberia a esse “professor dos homens” ensinar? Sendo este o homem trágico por excelência, como podemos interpretar a noção do trágico aí vigente? Vale ressaltar ainda que o homem trágico é nomeado para ser professor dos homens, o que nos remete indiscutivelmente a questão do próprio humano.

Mal começamos e já fomos tomados por diversas perguntas e, se não nos limitamos, é muito provável que não paremos por aí...

Proponho, portanto, que busquemos entender: primeiro, o que Nietzsche está entendendo como o trágico para caracterizar o homem como tal; segundo: o que implica ser professor dos homens; terceiro: por que é o homem trágico quem deve ser nomeado para assumir este lugar. É claro que este entendimento se refere a uma proposta mais geral do trabalho, já que para se alcançá-lo, será necessário galgar vários degraus. Começemos pela noção do trágico.

Não há como se pensar o que vem a ser o trágico do nada. Não há dúvida de que as tragédias, como o nome já indica, manifestam mais diretamente o trágico. Portanto, a opção por se partir de dois elementos imprescindíveis da tragédia clássica: o coro e o herói trágico para se buscar apreender e discutir a noção de trágico. Aventuremo-nos, pois, pelo pulsar da veia nietzscheana.

Nietzsche reconhece na natureza dois impulsos artísticos: o dionisíaco e o apolíneo. A partir daí, ele pensa as obras de arte como “imitação” em maior ou menor grau desses impulsos. Partamos, pois, do próprio filósofo para adentrar a veia trágica:

Examinamos o apolíneo e [...] o dionisíaco, como poderes artísticos que, **sem a mediação do artista humano**, irrompem da própria natureza [...] Em face desses estados artísticos imediatos da natureza, todo artista é um “imitador”, e isso quer como

artista onírico apolíneo, quer como artista extático dionisíaco, ou enfim – como por exemplo na tragédia grega – enquanto artista ao mesmo tempo onírico e extático. (NIETZSCHE, 2003, p. 32)

É interessante notar que Nietzsche ressalta o âmbito da criação, do artístico, que se inaugura na própria natureza. Em *O nascimento da tragédia*, as diversas manifestações artísticas serão pensadas sempre a partir das noções do dionisíaco e do apolíneo. Foquemos, pois, a tragédia e, conseqüentemente, o trágico, que é o tema do presente estudo.

Retomando o fragmento transcrito, Nietzsche diz que “na tragédia grega”, o artista é “ao mesmo tempo onírico e extático”, o que também quer dizer apolíneo e dionisíaco, respectivamente. O apolíneo é tomado como onírico por seu poder de configurar imagens, ao passo que o dionisíaco é extático por seu poder de embriagar o indivíduo no auto-esquecimento e devolvê-lo ao cerne da natureza. Investiguemos com mais calma essas noções.

Se, ao início da leitura de *O nascimento da tragédia*, pode parecer que Apolo e Dioniso constituem forças antagônicas, no decorrer da leitura vai se compreendendo a vital relação entre ambos. Fazendo-se valer dos deuses da mitologia grega, Nietzsche recria, já que vai desdobrando e criando novos conceitos.

À noção de dionisíaco ele introduz e atrela nomes como “o verdadeiramente-existente e Uno-primordial”, “o gênio da natureza”, “o eterno padecente e pleno de contradição”, “o pai de todas as coisas”. De acordo com essas nomenclaturas, percebe-se que Dioniso é percebido como a força de origem do próprio mundo, como o fundo que clama por emergir. É o lugar do êxtase, da embriaguez, do que não tem limite. É a afirmação total da vida.

Poder-se-ia dizer, de acordo com nosso filósofo, que o lugar privilegiado do dionisíaco é a música. Nietzsche diz que “o caráter da música dionisíaca e, portanto, da música em geral” é “a comovedora violência do som, a torrente unitária da melodia e o mundo absolutamente incomparável da harmonia” (NIETZSCHE, 2003, p. 34).

A música, como dinâmica não formal que é, não se prende, por isso mesmo, ao limite (intrínseco à forma). A música é encarada como uma espécie de expressão do mundo, uma linguagem universal no mais alto grau. Na agressão da “torrente unitária” musical vigora o dionisíaco. O “Uno-primordial”, “o gênio da natureza” faz sentir sua potência pela veia musical.

Transpondo para a tragédia, temos no coro o lugar privilegiado do dionisíaco. Originado no ditirambo (canto cultural inicialmente dedicado apenas a Dioniso), o coro trágico reinaugura a música extática. No frêmito coral, não importam os indivíduos, mas sim a massa dionisíaca que se faz uma: a sabedoria de Dioniso. É a torrente vital em toda sua abundância. Seguem-se palavras do próprio Nietzsche:

Esse coro contempla em sua visão o seu senhor e mestre Dionísio e é por isso eternamente o coro **servente** [...] Nessa posição de absoluto servimento em face do deus, o coro é pois, literalmente, a mais alta expressão da **natureza** e profere, como esta, em seu entusiasmo, sentenças de oráculo e de sabedoria; como **compadecente** ele é ao mesmo tempo o **sábio** que, do coração do mundo, enuncia a verdade. (NIETZSCHE, 2003, p. 64)

Como origem da tragédia, o coro dionisíaco se faz fundamento. Sendo, entretanto, o dionisíaco o fundo inesgotável do mundo, ele só se realiza plenamente ao lançar-se no devir apolíneo, ou seja, em configurações aparentes. Dioniso precisa de Apolo até mesmo para não se afundar definitivamente no ilimitado e ser pura destruição. É na configuração apolínea que se dá a realização e a delimitação formal do dionisíaco.

Faz-se mister destacar outras nomeações usadas por Nietzsche também para designar o apolíneo, como por exemplo, “a reverberação da eterna dor primordial”, “o reflexo do eterno contraditório” e “o princípio de individuação”. Adentremos essas três designações.

Primeiro, “a reverberação da eterna dor primordial”. Mas o que seria essa “eterna dor primordial”? Voltemos ao mito: filho de Zeus e Perséfone, Dioniso foi esquartejado e devorado pelos Titãs. Seu coração, entretanto, foi salvo por Atena, que o levou a Zeus. O deus engoliu o coração do filho, dando origem ao novo Dioniso Zagreu.

Residiria, então, no dilaceramento de Dioniso a sua dor primordial: ser desfeito em pedaços. Dioniso, desfeito em pedaços, é destruição, mas também é multiplicação de singularidades. Daí também se entender o dionisíaco como “o eterno contraditório”, em um movimento ininterrupto de destruir e construir. O apolíneo, como reverberação dessa “eterna dor primordial” e “reflexo do eterno contraditório”, reflete o despedaçamento de Dioniso em diferentes imagens.

É no aparente que vige o limite, a medida. Apolo é, pois, o deus da bela aparência, do comedido, regido pelo “princípio de individuação”, sendo este o que dá forma e limite ao impulso dionisíaco. Se o dionisíaco é o fundo disforme universal; o apolíneo individualiza, faz singular. Do fundo dionisíaco, emergem as configurações apolíneas; do coro trágico, brotam as cenas da tragédia.

Por isso mesmo é que Nietzsche interpreta “a tragédia grega como sendo o coro dionisíaco a descarregar-se sempre de novo em um mundo de imagens apolíneo” (NIETZSCHE, 2003, p. 60). Deste mundo de imagens apolíneo, aproximemo-nos de uma figura fundamental na tragédia grega: o herói trágico.

Pode-se dizer que o herói encarna a força apolínea por excelência, pois ele assimila o princípio de individuação em alto grau. Ele não só aparece singularmente na tragédia clássica, mas leva sua individualidade às últimas consequências, tanto que o nome do indivíduo heroico sempre prevalece. Podemos dizer, portanto, que “o herói vence ao perecer” (NIETZSCHE, 2005, p. 14). É o auge da força apolínea.

Entretanto, se, como visto anteriormente, a configuração apolínea provém do fundo dionisíaco, o auge da força apolínea também é o auge da força dionisíaca. Nietzsche vai interpretar o herói, a configuração apolínea por excelência, como uma máscara, portanto, uma aparência, de Dioniso. Ele diz:

o único Dionísio verdadeiramente real aparece numa pluralidade de configurações, na máscara de um herói lutador e como que enredado nas malhas da vontade individual [...] e o fato de ele **aparecer** com tanta precisão e nitidez épicas é efeito do Apolo oníromante que interpreta para o coro o seu estado dionisíaco, através daquela aparência similiforme. Na verdade, porém, aquele herói é o Dionísio sofredor, dos Mistérios, aquele deus que experimenta em si os padecimentos da individuação... (NIETZSCHE, 2002, p. 69-70)

Assim como no herói fulgura a força dionisíaca pelo apolíneo, poder-se-ia dizer que no coro trágico o apolíneo se redime no dionisíaco. Ambos os impulsos estão presentes em todos os elementos da tragédia, o que há é uma proeminência ora de um ora de outro. Sendo, entretanto, o dionisíaco, o “pai de todas as coisas”, podemos dizer que ele predomina no efeito geral da tragédia. Afinal,

a forma mais universal do destino **trágico** é a derrota vitoriosa ou o fato de alcançar a vitória na derrota. A cada vez, o indivíduo é derrotado: e, apesar disso, percebemos seu aniquilamento como uma vitória. Para o herói trágico, é necessário sucumbir por aquilo que ele deve vencer. Nesse grave confronto, intuímos algo da já aludida estima suprema da individuação: aquela de que um originário precisa para alcançar seu último objetivo de prazer. De modo que o perecer se revela tão digno e respeitável quanto o nascer, e de modo que o nascimento deve cumprir, ao perecer, a missão que lhe é imposta como indivíduo. (NIETZSCHE, 2005, p. 12)

Na tragédia, é atribuída uma grande importância à aparição apolínea, como, por exemplo, a que se configura no herói trágico, mas esse aparecer termina sendo aniquilado pelo fundo dionisíaco, com prazer inclusive, e adquirindo novas fulgurações. O desaparecimento da vida individual em nada afeta a potência da eterna força vital dionisíaca. O prazer na tragédia só se justifica pela ética do coro, que reintegra o homem ao Uno-primordial.

Cabe retomar e reforçar a visão de Nietzsche do mundo, que abarca simultaneamente o vigor do dionisíaco e do apolíneo. O processo artístico original de vida é justamente o tônico que faz emergir e imergir. Sendo a tragédia a tensão oriunda da conjunção Apolo-Dioniso, é a arte que inaugura o estado artístico propriamente vital: o trágico. O trágico é, portanto, o ser da própria realidade e implica a plena adesão à vida.

Nietzsche diz que:

a difícil relação entre o apolíneo e o dionisíaco na tragédia poderia realmente ser simbolizada através de uma aliança fraterna entre as duas divindades: Dionísio fala a linguagem de Apolo, mas Apolo, ao fim, fala a linguagem de Dionísio: com o que fica alcançada a meta suprema da tragédia e da arte em geral. (NIETZSCHE, 2002, p. 130)

Mas o que seria a meta suprema da tragédia e da arte em geral? Volto ao início do trabalho para responder esta pergunta: “o homem trágico como o homem nomeado para ser professor dos homens. A formação e a educação não devem tomar como norma o talento mediano para o *ethos* e o intelecto, mas justamente essas naturezas trágicas”.

A formação do humano se fundamenta essencialmente no trágico. Eis o que deve ser “ensinado”, ou melhor, vivido pelo professor. “Ser homem trágico” implica assumir e corresponder à natureza trágica. Eis a meta suprema da arte: resgatar o homem trágico, o que permite a conciliação entre Apolo e Dioniso, o que diz sim a tudo o que é vida.

## REFERÊNCIA

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003.